

Quero dizer a ele que foi apenas um pesadelo no final, que mesmo quando ele me torturou, eu encontrei algum prazer perverso nisso, uma emoção doentia em sua

posse, em como ele me desejava e cobiçava, tanto que ele tinha que me manter por qualquer meio necessário. Talvez um humano não encontrasse tal consolo em seus desejos desenfreados e descontrolados, mas meu lado monstro só queria mais.

Mas eu não digo isso a ele. Não, eu quero que ele sofra. Eu quero que ele se humilhe. Eu quero que ele saiba que, embora eu amasse ser sua prisioneira, amasse ser o objeto de todos os seus pensamentos e afeições do nascer ao pôr do sol e todas as horas escuras no meio, ele me marcou, tanto no corpo quanto na alma.

"Eu te dei meu coração", eu digo a ele, caminhando até o balde de água. "Eu me apaixonei por você, Padre. Rápido e de repente, eu estava apaixonado. E naquela noite, eu queria te contar. Acordei no meio da noite para te contar. Corri para aquela igreja para te contar. Então eu vi no que meu amor te transformou."

Ele balança a cabeça, seus olhos se enchendo de lágrimas. Droga, ele não deveria estar me quebrando de novo. "Sinto muito," ele sussurra roucamente. "Por favor. Eu não sabia."

"Teria feito alguma diferença?" Eu pergunto, pegando uma barra de sabão oleoso que cheira a limão. "Se eu dissesse que te amava, o monstro teria ficado longe? Ou eu o teria deixado com mais fome?"

Ele me encara, uma lágrima escorrendo. Eu sei o que ele vai dizer: ele não sabe.

"Não importa," eu digo, suspirando pesadamente, embora não importa o quão forte eu exale, eu não consiga sacudir o peso disso, o peso de nós. "O que está feito está feito. Eu te amei. Você tentou me matar. História das nossas vidas, não é?"

“Não,” ele diz, balançando a cabeça. “Um capítulo das nossas vidas. A história não acabou. A história nem precisa ter um fim.”

“Não para você,” eu digo a ele. “Você estará vivo até o fim dos tempos. Minha história acabará eventualmente, e nossa história estará feita.”

“Por favor,” ele sussurra, tentando se mover contra as correntes, mas elas chacoalham enquanto o seguram.

“Por favor, o quê?” Eu pergunto, odiando o quão bom soa ouvi-lo implorar por uma mudança.

“Por favor... só por favor. Por favor, não vá. Por favor, não desista de mim.

Por favor, só...”

“Só o quê?”